

ANÁLISE DOS FATORES PRAGMÁTICOS DA COERÊNCIA NA OBRA “O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO”, DE JOSÉ SARAMAGO¹

ANALYSIS OF PRAGMATIC FACTORS OF COHERENCE IN THE WORK O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO BY SARAMAGO

Lívia Lopes Santiago²

Nilsa Teresinha Reichert Barin³

RESUMO

Nesta pesquisa exploratória, de cunho analítico-descritivo, analisamos a coerência, como fator essencial da textualidade, o intertexto lingüístico, as intenções do sujeito da enunciação e o grau de aceitação dos leitores. Justificamos esta pesquisa pela importância que a teoria da lingüística textual possui no auxílio da compreensão, da interpretação e da interação do leitor com o texto, destacando a relevância dos fatores pragmáticos para a constituição da coerência do texto em questão. Escolhemos esta obra pela sua correlação com o Evangelho, obra universal, pela possibilidade de analisá-la via teorias da Lingüística textual, embora se apresente sob visão ficcional. A obra desperta interesse por ter causado polêmica tanto em âmbito cultural quanto religioso e por Saramago receber, em 1998, o Prêmio Nobel de Literatura pela abordagem inovadora que fez da história de Jesus Cristo. Nesse sentido, acreditamos que este estudo interdisciplinar entre a literatura e a lingüística poderá, de fato, auxiliar numa análise diferenciada daquelas que, em geral, são feitas. O autor se vale do recurso da intertextualidade para a construção do seu texto, bem como da intencionalidade e da aceitabilidade, outros fatores pragmáticos que mexem, sem dúvida, com o imaginário de quem lê **O Evangelho segundo Jesus Cristo**.

Palavras-chave: intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade

ABSTRACT

In this exploratory research, of analytical descriptive type, the coherence as an essential factor of textuality, the linguistic intertext, the subject's intentions of the enunciation and the readers' level of acceptance

¹ Trabalho final de Graduação - UNIFRA.

² Curso de Letras/Português - UNIFRA.

³ Orientadora.

are analyzed. The research is justified by the importance that the theory of Textual Linguistics has in helping the reader's understanding, interpretation and interaction with the text, pointing out the relevance of the pragmatic factors toward the constitution of the coherence of the text in question. This work was selected due to its correlation with the Gospel, a universal work, and due to the possibility of analyzing it via theories of the Textual Linguistics, although it is presented under a fictional view. The work raises interest because it has caused controversy both in cultural and religious scope and because, in 1998, Saramago was given the Nobel Prize in Literature for his innovative approach to Jesus Christ's story. Thus, it is believed that this interdisciplinary study between Literature and Linguistics might, in fact, help to carry out an analysis different from those which are generally done. The author uses the resource of intertextuality to build up his text, as well as the intendedness and acceptableness, other pragmatic factors which, undoubtedly, confuse the imaginary of those who read *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Key words: intertextuality, intendedness, acceptableness.

INTRODUÇÃO

Os Evangelhos são os instrumentos da pregação apostólica. As palavras e a vida de Jesus eram objeto da pregação dos Apóstolos e os fiéis, após ouvirem a divina narração, exprimiram o desejo de tê-la por escrito como lembrança. Assim nasceram o Evangelho segundo São Mateus; o Evangelho segundo São Marcus; o Evangelho segundo São Lucas e o Evangelho segundo São João.

Muitos Evangelhos foram escritos e ainda circulam pelo mundo (chamados de apócrifos), mas a Igreja venera e aceita somente esses quatro que narram a origem, os fatos, as palavras, a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, formando um único Evangelho.

José Saramago, ao escrever **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, apresenta-nos uma nova visão das Escrituras Sagradas, embora muitas passagens, mostradas no livro, tenham acontecido também no Evangelho, diferindo, no entanto, por conterem outra interpretação. O escritor criou um romance ficcional no qual usou sua criatividade, imaginação e crenças, de acordo com sua concepção de mundo, ao relatar-nos a vida de Jesus.

Não pretendemos fazer uma análise da narrativa literária, nem das diversas interpretações e polêmicas causadas pela obra, mas sim, dos fatos que implicam a construção da coerência: a intertextualidade, a

intencionalidade e a aceitabilidade. É necessário, ao inteirar-se desta obra literária, que o leitor a avalie como ficção, pois, se isso não ocorrer, poderá ter suas convicções religiosas abaladas.

Este trabalho faz um estudo dos fatores pragmáticos da textualidade identificados em **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, em que Saramago se vale do recurso intertextual para produzir o seu próprio texto. Dentre os fatores pragmáticos, o mais evidente no desenvolvimento da narrativa é a intertextualidade, recurso que se apresenta no discurso, quando o autor remete a expressões, cenas, ações, acontecimentos e enunciados contidos em outro texto, no caso, as Escrituras Sagradas.

Fortemente ligadas à intertextualidade, estão a intencionalidade e a aceitabilidade que esclarecem a intenção do comunicador ao produzir seu texto, e a aceitação do leitor diante da nova visão dos fatos.

Organizamos este estudo em quatro seções: a primeira apresentará a teoria sobre os fatores pragmáticos da coerência - intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade - ; a segunda situará o leitor em relação à crítica da obra **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**; a terceira encontra-se dividida em duas partes, sendo que a primeira abordará a intencionalidade e a aceitabilidade e a segunda dedicar-se-á à intertextualidade; em ambas, retomaremos os aspectos teóricos apresentados e finalizaremos nosso trabalho, retomando pontos teóricos importantes.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A **Linguística Textual**, como ciência da estrutura e do funcionamento dos textos, iniciou-se na década de 60, na Europa, especialmente na Alemanha. O termo **linguística textual** surgiu com Cósériu, mas o sentido que hoje lhe é atribuído foi empregado pela primeira vez por Weinrich. O estudo detalhado do assunto surgiu devido às falhas das gramáticas da frase que só poderiam ser explicadas por meio de textos ou contextos.

Sabemos que nossa produção linguística ocorre com textos, mas não com palavras isoladas. Não sabemos, porém, definir inteiramente o que faz com que um texto seja um texto e nem os estudiosos são unânimes ao conceituá-lo.

O termo texto pode ser tomado em duas acepções, conforme Fávero & Koch (1993):

Texto, em sentido amplo, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema, etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso,

atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou pelo locutor e interlocutor, no caso dos diálogos) e o evento de sua enunciação. (p.25)

Linguisticamente, o discurso manifesta-se por meio de textos. Consiste, portanto, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. A comunicação contextual é caracterizada, pois, por fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade.

Uma análise profunda, sobre os fatores pragmáticos da coerência, implica conhecer a estrutura e elementos formadores do texto. A devida compreensão só ocorrerá, se houver interação entre emissor e leitor/ouvinte.

Os estudiosos da Linguística de Texto, como Costal Val (1999), afirmam que texto escrito ou oral é uma unidade lingüística comunicativa básica, uma ocorrência lingüística sociocomunicativa, semântica e formal, que tem como função identificar uma situação comunicativa.

Costa Val (1999) conceitua a textualidade como um conjunto de características que constitui o texto como texto, não fazendo dele um simples emaranhado de frases soltas. Para isso acontecer, são necessários elementos como a coerência e a coesão, responsáveis pelo material conceitual e lingüístico e os fatores pragmáticos, responsáveis pelo processo sociocomunicativo. Segundo a autora, a coerência é apontada como um fator fundamental da textualidade, pois ela dá sentido ao texto e está ligada a aspectos lógicos, semânticos e cognitivos.

Um texto coerente deve apresentar uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor, ou seja, o sentido do texto é constituído por meio do produtor e do receptor que devem possuir conhecimentos mínimos para interagir com o texto, interpretando-o. Com isso, notamos que o conhecimento de mundo é fundamental na constituição da coerência.

Costa Val (1999) e Koch (2001) apontam que a coerência está ligada ao modo como os elementos estão subjacentes à superfície do texto e como se constroem na mente dos interlocutores, classificando, portanto, a coerência como uma configuração veiculadora de sentidos. Em Koch & Travaglia (1989):

A coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. Ela é o que faz com que o texto faça sentido

para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto. Assim, ela pode ser vista também como ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor (que o interpreta para compreendê-lo) tem para calcular o seu sentido. A coerência seria a possibilidade de estabelecer, no texto, alguma forma de unidade ou relação. (p.11–12)

Fávero (2002) mostra-nos que os fatores da coerência são responsáveis pelo processo cognitivo do texto e, por eles, podemos analisá-lo minuciosamente. Afirma também que a coerência se dá em nível macrotextual, pois ela faz a conexão entre os conceitos e a estruturação dos sentidos.

Dentre os fatores pragmáticos da textualidade, apresentados por Koch & Travaglia (2001), conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, fatores de contextualização, situacionalidade, informatividade, focalização, intertextualidade, intencionalidade, aceitabilidade, consistência e relevância, analisaremos os que estão mais perceptíveis em **O Evangelho segundo Jesus Cristo**, de José de Saramago, como a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade.

A intertextualidade diz respeito ao texto, ou seja, à mensagem. A intencionalidade e a aceitabilidade referem-se aos protagonistas do ato de comunicação, ou seja, ao comunicador e ao leitor/ouvinte.

Koch (2003) define que a intenção é essencial na concepção da linguagem, pois, por meio da atividade de interpretação diária, supõe-se que o falante, ao comunicar-se, expõe suas intenções. Assim sendo, ela argumenta que compreender uma enunciação nada mais é que apreender essas intenções.

Koch & Travaglia (1989) definem a intencionalidade em sentido restrito e amplo:

Em sentido restrito, a intencionalidade trata da intenção do emissor de produzir uma manifestação lingüística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize integralmente, podendo mesmo ocorrer casos em que o emissor afrouxa deliberadamente a coerência com o intuito de produzir efeitos específicos. (...) Em sentido amplo, a intencionalidade abrange todas as maneiras como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções comunicativas. (p.79–80)

Para Costa Val (1999), é a intenção que vai orientar a formação do texto. Conforme a autora, “a intencionalidade diz respeito ao valor ilocutório do discurso, elemento da maior importância no jogo da situação comunicativa” (p.10).

Ainda, segundo a autora, a contrapartida da intencionalidade é a aceitabilidade que classifica, como a expectativa do receptor ao defrontar-se com um discurso coerente, coeso e relevante, capaz de fazê-lo chegar ao conhecimento ou ajudá-lo dentro do texto. Para que esse processo ocorra, são necessárias estratégias, como a cooperação que está ligada ao sentido de que o produtor deve corresponder aos interesses de seu receptor; a qualidade, que se relaciona com a autenticidade do texto; a quantidade, número de informações presentes no texto (informatividade); a pertinência e a relevância das informações, não deixando de lado a forma como essas informações se darão no texto (precisão, organização e clareza).

Koch & Travaglia (2001) também classificam a aceitabilidade em sentido restrito e amplo. Em sentido restrito, a aceitabilidade está relacionada à atitude do receptor em aceitar uma manifestação lingüística, classificando-a como um texto coerente e coesivo, e que seja útil e relevante. Em sentido amplo, a aceitabilidade “inclui a aceitação como disposição ativa de participar de um discurso e compartilhar um propósito comunicativo.” (p.80)

A aceitabilidade e a intencionalidade são as duas faces constitutivas do princípio de cooperação, elas são definidoras da coerência e do princípio da interpretação, que julga se o texto tem ou não sentido.

Segundo Vigner (1997):

A intertextualidade é fator essencial da legibilidade do texto literário e, a nosso ver, de todos os outros textos. O texto não é mais considerado só nas suas relações com um referente extratextual, mas primeiro na relação estabelecida com outros textos. (p.32)

Koch & Travaglia (1989) apontam que “a intertextualidade influencia tanto o processo de produção como de compreensão de textos e apresenta conseqüências no trabalho pedagógico com o texto.” (p.95)

Dessa forma, Blikstein (1994) afirma que o discurso, seja ele qual for, nunca será totalmente autônomo. Com base na intertextualidade, ressalta que o discurso não possui uma só voz, mas sim várias vozes, inspiradas em muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço.

1. O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO: crítica

José Saramago, escritor português, com sua obra **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, publicada em 1991, causou grande impacto literário. Nela, faz uma interpretação livre, exagerada, ideológica e independente dos documentos históricos da época. Afasta-se do verdadeiro conteúdo dos Evangelhos Canônicos, causando polêmica ora contra ora a favor das concepções cristãs.

A interpretação dos Textos Sagrados sempre foi difícil, pois a Escritura é fonte de conhecimento e de estudo inesgotável e recebe uma interpretação total do mundo, no qual se pensa, de modo geral, em todas as coisas. A relação entre fala e escrita, entre fala e conhecimento e o seu sentido constitui o núcleo do problema hermenêutico.

A principal tarefa da interpretação dos Textos Bíblicos é expandir a compreensão da doutrina, da prática, da meditação dos mistérios e, dessa forma, dar uma interpretação total da existência e da realidade cristã.

Sabemos que foi confiado somente ao magistério vivo da Igreja a incumbência da interpretação autêntica da palavra de Deus, e sua autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo. Esse magistério está a serviço de Deus, ensinando apenas o que foi transmitido por Ele, com a assistência do Espírito Santo. À Igreja, cabe o direito de fiel depositária da genuína interpretação da Escritura, de guardar e interpretar a palavra de Deus.

Saramago foi acusado de desrespeitar as diretrizes e os Conselhos da Igreja, quanto à interpretação dos Textos Bíblicos, por ter corrompido o sentido dos textos tradicionais. Apropriou-se deles, distorceu-os, acrescentou, deu-lhes uma leitura nova. Sua intenção foi, certamente, mostrar um sentido que estivesse por trás do verdadeiro Evangelho, criando hipóteses ou horizontes, aderindo a novas crenças filosóficas e enriquecendo a subjetividade do leitor.

O título é um grande chamamento para a leitura do romance e, com o desenrolar dos capítulos, a polêmica e a nova visão do Evangelho contrariam as concepções da Igreja, por não serem fiéis à Bíblia.

Compreender nada mais é do que reproduzir as idéias de alguém, através da nossa visão de mundo. Os mecanismos de interpretação dependem fundamentalmente do nível cultural de cada pessoa e do seu conhecimento do real e do imaginário.

José Saramago, no **Evangelho Segundo Jesus Cristo**, para muitos, ultrapassou a fronteira do razoável. Com isso, recebeu inúmeras críticas negativas sobre sua obra, por conflitar-se com os preconceitos e as

crenças religiosas de muitos dos seus leitores. Acusam-no de ter corrompido os textos bíblicos que lhe serviram de base, para conveniência daquilo que desejava comunicar. Utilizou-se dos Evangelhos para construir um novo texto, produto de uma interpretação contrária aos parâmetros defendidos pela Igreja Católica.

O problema da legitimidade parece ter sido fundamental nas críticas que lhe fizeram, pois para muitos, o escritor não tinha direito de fazer o que fez. Os principais argumentos utilizados foram os de que a Escritura não pode ser violada e de que as figuras bíblicas devem ser intocadas, em especial a de Jesus Cristo. Portanto, a concepção católica fica bem clara: os Evangelhos possuem apenas uma leitura, e todo aquele que ousar desviar-se dela será incidido no erro de falsidade e de heresia.

2. O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO: análise

Notamos, claramente, os fatores pragmáticos de textualidade em todo o romance. Já no início da narrativa, o autor descreve uma iconografia retangular que mostra a crucificação de Jesus no Gólgota: o bom e o mau ladrão, crucificados à direita e à esquerda de Cristo. Apresenta ainda, por meio de detalhes, as mulheres que se encontram na tela, a expressão do rosto, a vestimenta, a postura. A natureza com suas nuances e cores; os cavaleiros de elmo; os militares; o homem com um balde que contém a água com vinagre, oferecida a Cristo, para atenuar-lhe a sede.

O sol mostra-se num dos cantos superiores do rectângulo, o que se encontra à esquerda de quem olha, representando o astro – rei uma cabeça de homem donde jorram raios de aguda luz e sinuosas labaredas (...) e essa cabeça tem um rosto que chora, crispado de uma dor que não remite, lançando pela boca aberta um grito que não podemos ouvir, pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mas nada. Por baixo do sol vemos um homem nu atado a um tronco de árvore, cingindo os rins por um pano que lhe cobre as parte (...) deve ser o Bom Ladrão. (...) Um segundo homem nu atado e preso como o primeiro (...) só pode ser o Mau Ladrão. (...) Neste lugar, a que chamam de Gólgota, muitos são os que tiveram o mesmo destino fatal (...) mas este homem nu, cravado de pés e mãos numa cruz, filho de José e Maria, Jesus de seu nome, é o único a quem o futuro concederá a honra da

maiuscula inicial. É ele, (...) tem por cima da cabeça resplandecente de mil raios, mais do que juntos o sol e a lua, um cartaz escrito em romanas letras que o proclamam Rei dos Judeus, e, cingindo-a, uma dolorosa coroa de espinhos. (SARAMAGO, 2000, p.13–19)

A intencionalidade em descrever a cena da crucificação constitui em si um chamamento para o conteúdo da obra. A informatividade, aliada à coesão e à coerência do texto, procura situar o leitor para o desenrolar das ações. Assim como os fatores pragmáticos de textualidade estão presentes nos Evangelhos canônicos, aparecem também na obra de Saramago, constituindo o jogo comunicativo da intertextualidade em toda a narrativa. Dessa forma, o escritor, ao longo do romance, deixa ao leitor/ouvinte a liberdade para a crítica ou aceitação do mesmo, inserindo-o num confronto de interpretações.

2.1. O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO: intencionalidade e aceitabilidade

José Saramago é um dos melhores ficcionistas da Literatura Portuguesa, é o escritor mais lido e traduzido em terras estrangeiras. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** é um de seus livros que se destaca, no meio literário, pela abordagem inovadora do tema. As diversas interpretações que o autor apresenta, no romance, em relação à vida de Cristo, provocaram nos leitores manifestações a favor ou contra o seu conteúdo. Acreditamos que Saramago, embora não tenha se despedido dos preconceitos ideológicos, escreveu **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** com a intenção de produzir um romance de qualidade e de grande impacto. Mostrou ao mundo uma nova interpretação da vida de Jesus Cristo.

O recurso da intencionalidade é usado para mostrar uma interpretação diferente daquela vivida por Jesus, documentada nos Evangelhos. O personagem principal, Jesus Cristo, aparece como um homem comum, concebido igual aos outros homens, apresentando fraquezas e qualidades. Mesmo assim, foi o escolhido de Deus para transmitir aos homens, sua missão.

Confirmando isso, Koch (1993) comenta que uma enunciação pode possuir infinitos significados, devido às intenções do falante (emissor). Ao produzir um enunciado, podem surgir as mais diversas interpretações, pois não haveria sentido atribuir-lhes uma única e verossímil compreensão.

Em sua criação literária, Saramago, em algumas passagens da narrativa, esmera-se na argumentação, persuasão, coesão e coerência, parecendo querer levar o leitor a confundir ficção com realidade, caso este não tenha profundo conhecimento da história original. Podemos apontar, entre

elas, o nascimento de Jesus na gruta:

O filho de José e de Maria nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar e chorará por esse mesmo e único motivo. (SARAMAGO, 2000, p.83)

Da mesma forma, a visita dos pastores (Reis – magos):

Descendo a encosta, aproximam-se três homens. São os pastores. Entram juntos na cova. (...) O primeiro pastor avançou e disse, Com estas minhas mãos mugi as minhas ovelhas e recolhi o leite delas. Maria, abrindo os olhos, sorriu. Adiantou-se o segundo pastor e disse, por sua vez, Com estas minhas mãos trabalhei o leite e fabriquei o queijo. (...) Então, o terceiro pastor chegou-se para diante num momento pareceu que enchia a cova com a sua grande estatura, e disse, (...) Com estas minhas mãos amassei este pão que te trago, com o fogo que só dentro da terra há o cozi. E Maria soube quem ele era. (SARAMAGO, 2000, p.83-84)

Percebemos, portanto, que o recurso de intencionalidade está diretamente ligado à argumentatividade do emissor, pois só ele pode convencer-nos de que suas intenções são verdadeiras. Segundo Koch & Travaglia (2001):

A intencionalidade tem relação estreita com que se tem chamado de argumentatividade. Se aceitarmos como verdade que não existem textos neutros, que há sempre alguma intenção ou objetivo da parte de quem produz um texto, e que este não é jamais uma “cópia” do mundo real, pois o mundo é recriado no texto através da mediação de nossas crenças, convicções, perspectivas e propósitos, então somos obrigados a admitir que existe sempre uma argumentatividade subjacente ao uso da linguagem. (p.80)

Segundo Costa Val (1999), a intencionalidade é o empenho que o emissor faz ao construir o seu texto, transformando-o em um texto coeso e coerente, capaz de satisfazer os objetivos que uma situação comunicativa exige. Esse empenho pode ser de informar, de impressionar, de solicitar, de convencer; é a intenção que vai orientar a formação do texto. Dessa forma, percebemos o empenho de Saramago em impressionar e convencer o público leitor das suas intenções nas entrelinhas da narrativa.

A aceitabilidade de **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** é vista

por dois ângulos. Há os que a aprovam devido ao próprio conhecimento literário, vendo a obra como um texto ficcional e, provavelmente, por possuírem as mesmas ideologias defendidas pelo autor. Eles partem do pressuposto de que cada leitor lê e interpreta uma narrativa, segundo sua concepção de mundo, valores e experiências pessoais. Os que não a aceitam, possivelmente, possuem idéias religiosas bastante conservadoras, acusando o escritor de ateu confesso, por isso, ele nunca escreveria uma obra em defesa do catolicismo. Foi fortemente criticado por fazer uma interpretação livre dos Evangelhos.

O relacionamento carnal entre José e Maria mexe, profundamente, com a ideologia cristã. Segundo as Escrituras, quem anunciou a Maria que ela esperava o Filho de Deus foi o anjo do Senhor, como podemos ver, na passagem abaixo, quando o Verbo Divino se encarnou: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.” (BÍBLIA SAGRADA, 1971, p.1244) Maria concebeu o Filho de Deus, virgem. Já no romance de Saramago, a mãe de Jesus concebeu-o igual a todas as mulheres. Proferindo palavras semelhantes às das Escrituras, após o relacionamento carnal com José. Só quatro semanas mais tarde, o anjo da morte apareceu e lhe comunicou que teria um filho.

Louvado sejas tu, Senhor, que me fizeste conforme a tua vontade, ora, entre estas palavras e as outras, conhecidas e aclamadas, não há diferença nenhuma, repare-se, Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra, está patente que quem disse isto podia, afinal, ter dito aquilo. (SARAMAGO, 2000, p.27)

Com esse fragmento, retomamos Koch & Travaglia (2001) quando afirmam que a aceitabilidade está relacionada à atitude do receptor em aceitar uma manifestação lingüística, classificando-a como um texto coerente e coesivo, útil e relevante. Percebemos que o texto de Saramago para alguns leitores, por desvirtuar do original, é provável que não seja coerente, relevante, nem útil. Segundo esses autores, a aceitabilidade é o fator da coerência, através do qual, mesmo que o leitor/ouvinte considere o texto incoerente, ele procurará estabelecer um sentido, mas isto só dependerá dos estímulos usados pelo emissor.

A Igreja não aceita **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** por nele conter uma imagem distorcida da figura de Cristo. A juventude de Jesus apresenta-se como fruto da fantasia e da imaginação do autor, sem qualquer indício de verossimilhança. A fase adulta mostra-se completamente deformada, fazendo dele um milagreiro andante, despido de todo o esplendor de que foi cercado. Saramago deveria ter feito a exibição humana de

Cristo de uma forma compreensível, sem envolvê-lo em situações ofensivas à consciência dos crentes. Exemplificamos isso com a passagem do relacionamento amoroso entre Jesus e Maria de Magdala que, conforme o autor expõe no livro, não é verossímil na Bíblia.

Jesus amparado, como fizera antes ao ombro de Maria, está a prostituta de Magdala que o curou e o vai receber na sua cama, (...) Deita-te, eu volto já, (...) O ar de repente perfumado e Maria de Magdala apareceu nua. Nu estava também Jesus. (...) Maria se deitou ao lado dele, e, tomando-lhe as mãos ia dizendo em voz baixa, quase num sussurro, Aprende, aprende o meu corpo, (...) e repetia, mas doutra maneira. Aprende o teu corpo, e ele aí o tinha o seu corpo, tenso, duro, erecto, e sobre ele estava, nua e magnífica, Maria de Magdala. (SARAMAGO, 2000, p.281–283)

A narrativa mostra-nos Jesus como um homem banal, que sai de casa dos treze aos dezoito anos, quando tem a primeira experiência amorosa, marcado por traumas da infância e, muitas vezes, manipulado pelas mãos de Deus. Encontra, em Maria de Magdala, a mãe que lhe faltou e o acolhimento familiar que ele abandonou aos treze anos de idade.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo, para muitos, é uma afronta à cultura mundial, pois todo o homem consciente e culto, mesmo descrente e não acreditando na divindade de Jesus, faz-lhe ao menos a Justiça de o considerar um grande obreiro e fundador de uma Nova Era Mundial.

2.2. O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO: intertextualidade

A intertextualidade é um dos fatores principais da coerência, pois o processo cognitivo de um texto só acontecerá se o autor recorrer ao conhecimento prévio de outros textos. Ela, segundo Koch (2001), poderá ocorrer em sentido amplo ou restrito.

Todo o conteúdo de **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** é intertextual, pois Saramago se utiliza do Evangelho segundo São Mateus; Evangelho segundo São Marcus; Evangelho segundo São Lucas e Evangelho segundo São João, como intertexto para construir o seu próprio texto. A intertextualidade ocorre no espaço, tempo, personagens e acontecimentos. Notamos esses elementos, claramente, nas passagens que remetem à origem de Jesus e ao início de sua pregação.

Sou Jesus de Nazaré, respondeu o rapaz, Que vieste aqui fazer, se és de Nazaré, Sou de Nazaré mas nasci nesta cova, vim cá para ver o sítio onde nasci. (SARAMAGO, 2000, p.225)

E aconteceu naqueles dias que Jesus veio de Nazaré (cidade) da Galiléia e foi batizado por João no Jordão. (BÍBLIA SAGRADA, 1971, p.1219)

O que se dizia pelos povoados deste lado da Galiléia era que um homem de Nazaré andava por ali a usar de poderes que só de Deus lhe poderiam ter vindo. (SARAMAGO, 2000, p.349)

(...) foi Jesus para a Galiléia pregando o Evangelho do reino de Deus e dizendo: Está completo o tempo e aproxima-se o reino de Deus. Fazei penitência e crede no Evangelho. (BÍBLIA SAGRADA, 1971, p.1219)

Segundo Koch (2001), observamos que:

Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu exterior com seu interior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que opõe. (p.46)

A intertextualidade, em sentido amplo, para Koch (2001), é a condição de existência do próprio discurso. Assim, o intertexto é componente decisivo das condições de produção, com isso notamos que um discurso não nasce sozinho no mundo, ele constrói-se por meio do apoio de outros. Com essa afirmação, compreendemos que **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, de José Saramago, não seria construído dessa maneira se o autor não utilizasse, como intertexto lingüístico, as Escrituras Sagradas.

O recurso intertextual em sentido restrito, para Koch (2001), divide-se em intertextualidade de conteúdo, de forma/conteúdo, de intertextualidade explícita, implícita e das semelhanças e das diferenças.

A intertextualidade de conteúdo está subjacente no **Evangelho Segundo Jesus Cristo**. O escritor serve-se de conceitos e expressões contidas na Bíblia Sagrada para a produção de seu texto. Confirmamos isso nos fragmentos da cura do leproso e da cura do paralítico.

Se quiseres, podes limpar-me, e Jesus, com muita dó, do mísero chagado, tocou-o e mandou, Quero, fica limpo, palavras não tinham sido ditas, naquele mesmo

instante a carne podre tornou-se sã. (SARAMAGO, 2000, p.401)

Se queres, podes limpar-me. E Jesus, compadecido dele, estendeu a mão, e, tocando-o, disse-lhe: Quero; sê limpo. E tendo dito estas palavras, imediatamente desapareceu dele a lepra; e ficou limpo. (BÍBLIA SAGRADA, 1971 p. 1220)

Os teus pecados te são perdoados, ou dizer-lhe. Levanta-te, toma o teu catre e anda, (...) Pois bem, para que saibas que tenho na terra o poder de perdoar os pecados, ordeno-te, isto era dito para o paraplético, que te levantes, tomes o teu catre e vás para tua casa. (SARAMAGO, 2000, p.402)

Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: Levanta-te toma o teu leito, e anda ? Ora, para que saibas que o Filho do homem tem na terra poder de perdoar pecados, (disse ao paraplético): Eu te digo: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. (BÍBLIA SAGRADA, 1971, p.1220)

Já, na intertextualidade de forma/conteúdo, podemos citar o trecho do romance que narra o encontro de Jesus com Deus e o pastor-diabo, no mar cercado pelo nevoeiro. Ele, nesse local, comunica a Jesus a missão que deverá cumprir na terra; sua morte na cruz; o que sucederá a seus seguidores e o que acontecerá no mundo, após sua morte. O autor ironiza e ridiculariza a figura de Deus, transformando-o em um ser autoritário, ambicioso e oportunista. Cria, portanto, situações que não estão contidas nos Evangelhos, como na passagem que segue:

Disseste-me que me darias poder e glória, balbuciou Jesus, (...) E darei, e darei, mas lembra-te do nosso acordo, tê-los-ás, mas depois da tua morte, E de que me servem poder e glória, se estou morto, Bem, não estarás precisamente morto, no sentido absoluto da palavra, pois, sendo tu meu filho estarás comigo, ou em mim. (...) E a minha morte, será como, A um mártir convém-lhe uma morte dolorosa, e se possível infame, para que a atitude dos crentes se torne mais facilmente sensível, apaixonada, emotiva (...) dize-me que morte será a minha, Dolorosa, infame, na cruz. (...) Disse-me Deus, Haverá uma Igreja, que, como sabes, quer dizer assembleia, uma sociedade religiosa que tu fundarás, ou em teu nome será fundada (...) e esta Igreja espalhar-se-á

pelo mundo até os confins que estão por conhecer, chamar-se-á católica porque será universal, o que, infelizmente, não evitará desavenças e dissensões entre os que te terão como referência espiritual, mas isso será apenas por algum tempo, (...) como verão os homens que depois de mim vierem, Referes-te aos que te seguirem, Sim, (...) terão a esperanças duma felicidade lá no céu onde eu eternamente vivo, portanto a esperança de viver eternamente comigo. (SARAMAGO, 2000, p.370-379)

A intertextualidade explícita ocorre quando há citação da fonte do intertexto. No caso da obra em estudo, não há uma citação clara a respeito dela, mas, ativando o nosso conhecimento prévio e tomando o título da obra **O Evangelho Segundo Jesus Cristo** como referencial, podemos deduzir que o original, empregado para a construção da narrativa, foram os Evangelhos. Mesmo porque o autor, na folha de rosto do romance, remete ao capítulo um, versículo um a quatro, do Evangelho segundo São Lucas.

A intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabe ao leitor recuperá-la para compreender o sentido do texto. Podemos exemplificar isto com essas passagens. Em **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, o escritor, num jogo de palavras, inverte o sentido original, pois, de acordo com o romance, as palavras ditas por Jesus não poderiam ser as mesmas das Escrituras.

Jesus compreendeu (...) clamou para o céu aberto, onde Deus sorria, homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. (SARAMAGO, 2000, p.444)

E Jesus dizia: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. (BÍBLIA SAGRADA, 1971, p.1279)

A intertextualidade das semelhanças ocorre quando o texto incorpora o intertexto para apoiar nele a argumentação. Notamos, em muitas partes do romance, a intertextualidade de semelhança, dentre elas, o trecho do milagre dos peixes, e quando Jesus acalma a tempestade no mar.

Arregalaram-se os olhos dos dois pescadores, mas o assombro transformou-se em portento e maravilhoso, quando a rede, lançada mais uma vez e outra ainda, voltou cheia duas vezes (...) saíram, como nunca vista profusão, torrentes luzidias de guelras, dorsos e barbatanas em que a vista se confundia. (SARAMAGO, 2000, p.274)

Faze-te mais ao largo, e lançai as vossas redes para pescar. E, respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, tendo trabalhado toda a noite, não apanhamos nada; porém sobre a tua palavra lançarei a rede. E, tendo feito isso, apanharam tão grande quantidade de peixes, que a sua rede rompia-se. (...) E encheram tanto ambas as barcas, que quase se afundaram. (BÍBLIA SAGRADA, 1971, p.1249)

Não é justo que morram estes homens. (...) e então, de pé firme e seguro como se debaixo de si o suportasse um sólido chão, gritou, Cala-te, e isto era para o vento, Aquieta-te, e isto era para o mar. (...) acalmaram-se o mar e o vento, as nuvens no céu apertaram-se e o sol apareceu. (...) não se imagina o que foi a alegria naqueles barcos (...) Milagre, milagre, naqueles instantes primeiros não se deram conta de que alguém tinha de ter sido o autor dele. (SARAMAGO, 2000, p.336)

E, subindo para uma barca, seguiram-se seus discípulos. E eis que se levantou no mar uma grande tempestade, de modo que as ondas alagavam a barca; ele, porém, dormia. Aproximaram-se dele os seus discípulos, e acordaram-no, dizendo: Senhor, salva-nos que perecemos! E Jesus disse-lhes: Por que temeis, homens de pouca fé? Então, levantando-se, imperou aos ventos e ao mar, e seguiu-se uma grande bonança (...) Quem é este a quem obedecem os ventos e o mar. (BÍBLIA SAGRADA, 1971, p.1186)

Em se tratando de intertextualidade das diferenças, o intertexto é incorporado ao texto com a finalidade de ridicularizar, entre outros, a juventude de Jesus.

Cristo deixa sua família com doze para treze anos de idade, quando morre seu pai, José, cena descrita no romance sem nenhum indício de verossimilhança com o texto original. Viaja para Belém e descobre tudo a respeito de seu nascimento, quantas crianças morreram por ordem do rei. Acaba indo morar com um pastor de ovelhas, homem que sua mãe, Maria, pensa ser um anjo, e que é, na verdade, o diabo. Nesse lugar, Deus lhe aparece pela primeira vez.

Ao retornar para casa, encontra os pescadores, faz milagres e conhece Maria de Magdala, a prostituta. Conta para sua mãe que conversou com Deus, mas Maria não lhe dá crédito. Abandona novamente o lar, não perdoando sua mãe por não crer nele. Volta a encontrar-se com Maria de

Magdala com quem vive até a sua crucificação.

Para isso, retomamos a afirmação de Blikstein (1994):

O sentido do discurso nem sempre corresponde à significação profunda do intertexto que se “teceu” esse discurso. Em outros termos, o discurso parece estar tratando do referente X, quando, na verdade, o que está em tela é o referente Y, oculto nas malhas da intertextualidade. É a ilusão referencial. O enunciador leva o destinatário a dois níveis de decodificação: um, no plano de superfície, em que se capta o referente X (“ilusório”); outro, na estrutura profunda do intertexto, em que absorve, inconscientemente, o referente Y (correspondente às “reais” intenções do enunciador). (p.45)

Portanto, José Saramago, ao construir sua obra, utiliza-se do intertexto das Escrituras Sagradas para criar um novo texto, com interpretações diferentes, correspondendo às verdadeiras intenções do autor. Com isso, percebemos que, nem sempre, o sentido do texto original é mantido.

Ao concluirmos o estudo da intertextualidade, em que muitas outras leituras são possíveis, acreditamos que José Saramago, ao utilizar-se do intertexto da Bíblia Sagrada, apresenta uma nova visão da vida de Cristo. Valeu-se de sua imensa bagagem literária para oferecer a seus leitores um romance de qualidade, em que a riqueza do confronto intertextual surge de maneira espontânea em todas as cenas descritas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constituiu-se este trabalho em uma análise dos fatores pragmáticos da coerência, nitidamente constatados no romance **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**, de José Saramago. Esta análise interdisciplinar, entre literatura e teoria linguística, ajudará o leitor/ouvinte a descobrir, mais rapidamente, o que está implícito nas entrelinhas dos textos.

Verificamos que a intencionalidade do autor era escrever um romance que primasse pela qualidade literária e fosse aprazível a seus leitores. Apresentou uma nova versão romanceada e fantasiosa da vida de Jesus Cristo, fugindo, sobremaneira, da visão original, contida nos Evangelhos. Não podemos, entretanto, deixar de aplaudir a maneira perfeita com que o autor dispõe os elementos da estrutura da narrativa em toda a obra.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo causou grande impacto ao público leitor, principalmente aos católicos mais conservadores, que não aceitam a visão ficcional que desvirtuou as figuras bíblicas. Aqueles que a aceitam, é, possivelmente, pelo vasto conhecimento literário e por possuí-

rem a mesma concepção de mundo do autor.

A intertextualidade é o fator pragmático mais perceptível no romance. Ao dar o título de sua obra, Saramago já evidencia sobre o que a narrativa abordará, iniciando-se o intertexto. Podemos notar a intertextualidade em toda a narrativa, pois o autor se utiliza do mesmo espaço, tempo, personagens e acontecimentos contidos nos Evangelhos, apresentando uma outra interpretação. Notamos a presença da intertextualidade de conteúdo, forma/conteúdo, explícita, implícita, das semelhanças e das diferenças, comprovadas nesta pesquisa.

Percebemos, ao concluir a nossa pesquisa, que é a intertextualidade a base da estrutura do texto de José Saramago, no momento em que ele se inspira nos Evangelhos Canônicos para produzir a sua obra que gera polêmica, aceitação e críticas. É a força da intertextualidade que faz aflorar as diversas leituras, transformando o romance em uma obra de imenso valor literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. 26^a. ed. São Paulo: Paulinas. 1971

BLIKSTEIN, Izidoro. **Intertextualidade e polifonia**: dialogismo, polifonia, intertextualidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 45 – 48, 1994.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 2^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2002.

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1993.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos Travaglia. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **A coerência textual**. 12^a. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 3^a. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 3^a. ed. São Paulo: Contexto,

to, 2001.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIGNER, Gerald. **Intertextualidade, norma e legibilidade**. O texto: leitura e escrita, 2 ed., Campinas, p. 31–39, 1997.